

Comportamento Semanal de Mercado

17 a 24 de maio



Momento insólito

O momento atual mostra-se um tanto quanto insólito, pois há uma coincidência de uma piora considerável nas expectativas com uma dinâmica benigna da inflação corrente. A elevação moderada das projeções, a partir da alteração das metas fiscais, ganhou ímpeto com o descarte da orientação futura em um momento de pico na volatilidade internacional, o dissenso na decisão na taxa básica de juros, os receios com uma alteração na meta inflacionária e uma reorientação da política monetária.

Com muitos fatores complicadores para um ajuste fiscal, o processo de reancoragem deverá ser lento e dependente de algumas variáveis, como a evolução do índice cheio e das medidas subjacentes da inflação e o impacto de uma eventual queda de juros nos EUA na taxa de câmbio. No horizonte relevante, as projeções para o IPCA no Boletim Focus eram de 3,75% para 2025 (3,60% há 1 mês). Apesar do aumento da desancoragem e das apostas no mercado futuro de juros, o Focus mantém ainda estimativa de 2 cortes de -0,25 p.p. na Selic em 2024, para fechar o ano com uma taxa de 10,00% a.a.. Porém, como indicadores que compõem a formação de expectativas e os prêmios de risco, as projeções dos números fiscais não sofreram deterioração significativa, ainda que estejam acima das metas.

Reiterando as incertezas em relação ao grau do aperto monetário, a ata da última reunião do Federal Reserve (Fed) mostrou os receios de seus dirigentes com a ausência de progressos na desinflação nos EUA, sobretudo nos núcleos de serviços. Com a necessidade de que sejam obtidas várias leituras consecutivas com números favoráveis ao processo de desinflação, o início do processo de ciclo de flexibilização monetária só poderia ocorrer no 4T24. Assim, em 24/05, a ferramenta FedWatch do CME Group apontava 50,2% de chance de manutenção da *Fed Funds* na reunião de setembro, uma probabilidade de 46,2% para uma queda de -0,25 p.p. em novembro e de 41,9% para a manutenção em dezembro na faixa entre 5,00% e 5,25% a.a.. Em linha com esse cenário, o dólar ganhou força na semana no mercado de câmbio internacional.

Com o mercado de opções para o Comitê de Política Monetária (Copom) indicando 79,25% de chance de manutenção da Selic no atual patamar, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,68% a.a., o que representou uma elevação de 0,12 p.p. na semana. Atendendo o objetivo do Copom, o indicador se tornou mais restritivo, acumulando um crescimento de 0,23 p.p. desde a última reunião em 08/05.

Apesar do aumento nos prêmios, a arrecadação federal em abril surpreendeu, refletindo o bom momento da atividade econômica e as medidas tributárias aprovadas ao final de 2023, acumulando dessa forma uma alta real de 8,3% em relação a abr/23. O Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas do 2º bimestre do governo indicou um déficit de menor magnitude em relação ao projetado pelo mercado, ainda que maior ao apresentado no 1º bimestre. Em relação às contas externas, os números seguem indicando um quadro confortável. Por fim, a intenção de consumo das famílias registrou crescimento pelo 2º mês seguido, com a variação anual voltando a acelerar pela 1ª vez desde set/23, mantendo-se acima do nível de satisfação.

Em um contexto de maior preocupação com as expectativas inflacionárias, ganha importância os dados da inflação ao consumidor e no atacado, assim como da evolução do mercado de trabalho, e indiretamente, do hiato do produto, que serão divulgados esta semana. Ainda para esta semana, destaques para a reunião do Conselho de Estabilidade Financeira (Comef), os indicadores de confiança do consumidor local, nos EUA e na Zona do Euro e para o PMI manufatura e serviços na China.

Expectativas

O debate acerca do papel das expectativas inflacionárias apontadas no Boletim Focus na evolução da política monetária ganhou força. A elevação moderada das projeções, a partir da alteração das metas fiscais, ganhou ímpeto com o descarte da orientação futura em um momento de pico na volatilidade internacional, o dissenso na última decisão da taxa básica de juros e os receios com uma alteração na meta inflacionária e na orientação da política monetária.

Na edição de 24/05, houve aumento nas estimativas da inflação. Contemplando os possíveis impactos da calamidade no Rio Grande do Sul (RS), a mediana das previsões para o IPCA para maio se elevou de 0,33% para 0,39%, a de junho de 0,18% para 0,20%, enquanto a de julho cedeu de 0,15% para 0,12%. Assim, a projeção do IPCA para 2024 subiu 0,06 p.p. na semana para 3,86% (3,73% há 4 semanas).

No horizonte relevante para a política monetária, houve um ligeiro aumento na desancoragem, com a inflação de 2025 passando de 3,74% para 3,75% (3,60% há 4 semanas). Constante por 46 edições, a estimativa do IPCA para 2026 passou de 3,50% para 3,58%, enquanto a de 2027 pela 47ª vez consecutiva ficou em 3,50%.

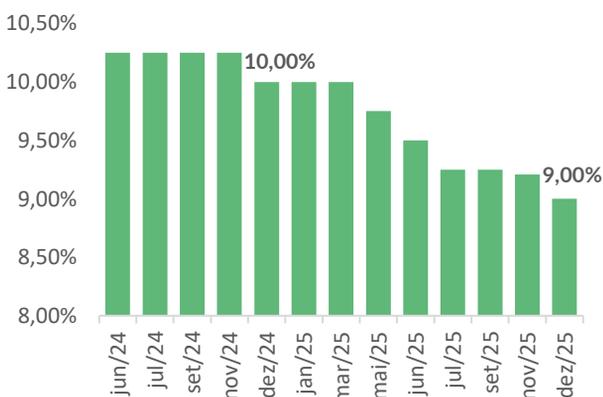
Apesar dos ajustes nas projeções de inflação e do comportamento do mercado futuro de juros, o Focus manteve na semana a estimativa de 2 cortes de -0,25 p.p. na Selic em 2024. Da mesma forma, a taxa ao final do ano permaneceu em 10,00% a.a. (9,50% há 4 semanas). Com alguma flexibilização, a taxa terminal da Selic seria de 9,00% a.a. em 2025.

Como indicadores que compõem a formação de expectativas e os prêmios de risco, as projeções dos números fiscais não sofreram deterioração significativa, ainda que estejam acima das metas. A mediana para 2024 do déficit primário continuou em -0,70% do PIB (-0,70% há 4 semanas) e as projeções para 2025 e 2026 prosseguiram, respectivamente, em -0,63% (-0,68% há 4 semanas) e -0,50% (-0,50% há 4 semanas). Para 2024, a dívida líquida do setor público manteve-se em 63,80% do PIB (-63,85% há 4 semanas) e para 2025 em 66,50% (66,40% há 4 semanas). Para 2026, passou de 68,15% para 68,30% (68,00% há 4 semanas).

Construída com base nos prêmios de riscos nas negociações das NTN-Bs, a curva da inflação implícita mostrou alta na semana. Entre os dias 17 e 24 de maio, a taxa para o vértice de 1 ano passou de 3,99% para 4,12%, a para o prazo de 2 anos de 4,56% para 4,59% e a de 3 anos de 4,84% para 4,85%.

Ainda, a mediana das projeções para o crescimento do PIB de 2024 ficou estável em 2,05% (2,02% há 4 semanas), ao passo que as estimativas para 2025 e 2026 acomodaram-se em 2,00%. A despeito do aumento das incertezas, o cenário para o câmbio mostrou poucas alterações. A taxa estimada para esse ano apreciou-se em 0,2% para R\$/US\$ 5,05, com as demais prosseguindo em R\$/US\$ 5,05 ao final de 2025 e em R\$/US\$ 5,10 ao término de 2026.

Selic - Mediana das Projeções (% a.a.)



IPCA - Mediana das projeções (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	24/05/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
mai/24	0,39	0,33	0,25
jun/24	0,20	0,18	0,17
jul/24	0,12	0,15	0,15
2024	3,86	3,80	3,73
2025	3,75	3,74	3,60
2026	3,58	3,50	3,50

Economia internacional

Reiterando as incertezas em relação ao grau do aperto monetário, a ata da última reunião do Fed mostrou os receios de seus dirigentes com a ausência de progressos na desinflação nos EUA, sobretudo nos núcleos de serviços, o que postergaria a possibilidade de cortes de juros. O documento ratificou que não seria apropriada a redução das taxas básicas até que o Fed tenha maior confiança de que a inflação esteja convergindo de forma sustentável à meta. Dessa forma, alertou-se que os juros deverão se manter restritivos por um período prolongado. Não descartando, ainda, a possibilidade de aumentos adicionais, caso haja risco de uma aceleração da inflação. Cabe, entretanto, ressaltar que a reunião ocorreu antes da divulgação dos dados de inflação e de mercado de trabalho de abril, que sugeriram uma atividade menos aquecida e uma menor pressão inflacionária.

A ata ainda apontou preocupações com os eventos geopolíticos que podem provocar interrupções na oferta de algumas *commodities* e acelerar a inflação em determinados setores. Nesse sentido, pesaria no crescimento econômico, que no momento segue avançando a ritmo forte. Com as taxas de juros elevadas impactando as compras de bens de consumo duráveis, ponderou-se que houve moderação no crescimento real do PIB no 1T24 em relação ao 2º semestre de 2023. No mercado de trabalho, os ganhos permaneceram fortes e a taxa de desemprego manteve-se baixa. Em relação ao balanço do Fed, os membros do Comitê de Política Monetária manifestaram apoio à decisão de começar a abrandar o ritmo de venda de títulos. A partir de junho, o total de redução dos *Treasuries* no ativo diminuirá de US\$ 60 bilhões para US\$ 25 bilhões.

Reforçando a percepção de que a economia permanece forte, o índice de gerentes de compras (PMI) composto dos EUA avançou de 51,3 em abr/24 para 54,4, atingindo o maior nível em 25 meses. O indicador para serviços subiu de 51,3 para 54,8 no mesmo período, alcançando o maior patamar em 12 meses, enquanto o PMI industrial passou de 50,0 para 50,9 em maio. Em consonância, os pedidos por bens duráveis cresceram 0,7% em abril, chegando a US\$ 284,1 bilhões.

Já o mercado imobiliário deu novos sinais de fraqueza. As vendas de moradias usadas se retraíram-se em -1,9% em abril ante mar/24 a uma taxa sazonalmente ajustada de 4,14 milhões, ficando abaixo do número previsto no levantamento da FactSet de uma alta de 0,5%. No mesmo sentido, as vendas de novas casas recuaram -4,7% no período, para 634 mil, também abaixo da expectativa de 675 mil. Ainda, o resultado de mar/24 foi revisado de 693 mil para 665 mil. Por fim, os pedidos semanais por seguro-desemprego recuaram em 8 mil para 215 mil na semana finda em 18 de maio, ficando abaixo do previsto de 220 mil.

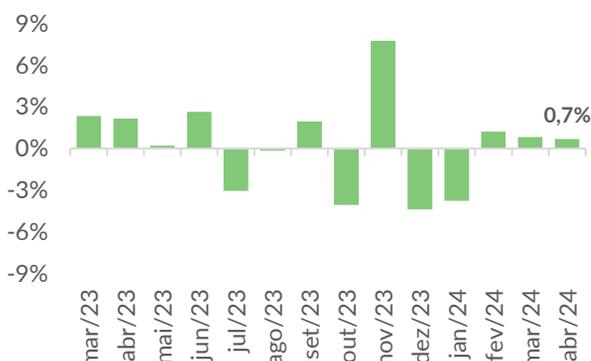
Na Zona do Euro, a divulgação preliminar do índice de confiança do consumidor subiu de -14,7 em abr/24 para -14,3, ficando levemente abaixo da estimativa de uma contração de -14,1 sinalizada por um levantamento da FactSet. Acima do consenso do *The Wall Street Journal* de 51,8, o PMI composto da região, medido pela S&P Global, subiu de 51,7 em abr/24 para 52,3. No Reino Unido, a inflação desacelerou expressivamente de 3,2% a.a. em mar/24 para 2,3% a.a., porém veio acima da projeção de 2,1% a.a., o que afetou as apostas de que o Banco da Inglaterra comece a reduzir os juros a partir de junho.

PMI Composto



EUA – Pedidos por Bens Duráveis

Varição anual



Aversão ao Risco

As manifestações mais duras de membros do Fed, combinadas com o sentimento de que a atividade econômica esteja mais forte do que se esperava, impactaram negativamente a demanda por ativos de maior risco. Com a necessidade que sejam obtidas várias leituras consecutivas com números favoráveis ao processo de desinflação, o início do ciclo de flexibilização monetária só teria possibilidade de ocorrer no 4T24. Como agravante, o processo poderia estender-se com a elevação da estimativa da taxa de juro neutro, por causa das preocupações de eventuais impactos do setor não bancário na estabilidade financeira, da insustentabilidade da trajetória fiscal e do aumento da dívida pública.

Com isso, a aposta majoritária de mercado seria de apenas um corte de -0,25 p.p em novembro. Na sexta-feira (24/05), a ferramenta FedWatch do CME Group apontava 50,2% de chance de manutenção da *Fed Funds* na reunião de setembro contra 38,2% em 20/05. A probabilidade de uma queda de -0,25 p.p. em novembro seria de 46,2% e da manutenção em dezembro na faixa entre 5,00% e 5,25% a.a. era de 41,9%.

Os retornos das *T-Notes* fecharam a semana em alta, com elevações de 0,10 p.p. para 4,93% a.a. na de 2 anos, de 0,09 p.p. para 4,53% a.a. na de 5, de 0,04 p.p. para 4,46% a.a. na de 10 e de 0,01 p.p. para 4,57% a.a. na de 30 anos.

Na semana, as principais bolsas internacionais registraram perdas, em linha com o aumento da aversão ao risco, as exceções ficaram para as altas de 1,41% na Nasdaq e de 0,03% na S&P 500, puxadas por empresas de tecnologia, em especial as de inteligência artificial. As demais apresentaram quedas de -2,33% no Dow Jones, de -1,22% no FTSE 100, de -2,07% no Xangai, de -0,36% no Nikkei 225 e de -0,06% no DAX 40.

Em consonância, o preço do barril de petróleo tipo Brent recuou -2,21% para US\$ 82,12, aumentando as projeções de que a Opep+ estenda seu programa de cortes na produção. Na contramão, a saca de soja negociada em Chicago subiu 1,63% e o minério de ferro na bolsa de Qingdao aumentou 0,69%, ainda sobre os efeitos das novas medidas de estímulo à economia chinesa.

O mercado permanece elevando os prêmios de risco nos ativos domésticos. Na semana, o Ibovespa caiu -3,00%, voltando ao patamar dos 124 mil pts., e o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 6,88 bps. para 147,72 bps., acumulando uma alta de 15,29 bps. no ano.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	24/05/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	124.306	-3,00%	-0,35%	12,95%
Nasdaq	16.921	1,41%	7,69%	33,25%
S&P	5.305	0,03%	4,60%	27,79%
Dow Jones	39.070	-2,33%	1,58%	19,24%
FTSE 100	8.318	-1,22%	3,45%	9,86%
DAX 40	18.693	-0,06%	3,34%	18,36%
Nikkei 225	38.646	-0,36%	0,48%	25,47%
Xangai	3.089	-2,07%	1,45%	-3,51%

T-Note de 10 anos Rendimento em % a.a.



Câmbio

Em linha com a perspectiva de que a taxa de juros básica permaneça elevada por um período mais prolongado, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. Na semana, o *Dollar index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente a uma cesta de moedas de países desenvolvidos, subiu 0,27%, refletindo a apreciação de 0,28% na libra esterlina e a depreciação de 0,20% no euro.

Em consonância, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,36% no período, alavancada pelas depreciações de 1,38% no rand sul-africano, de 1,14% no peso colombiano, de 0,51% no peso mexicano e de 0,45% no peso argentino. No sentido inverso, o rublo russo e a rúpia indiana apreciaram-se em, respectivamente, 1,53% e 0,29%.

Já o aumento dos prêmios nos ativos domésticos levou o real a um desempenho pior do que a média de seus pares emergentes, depreciando-se em 1,26%, com o dólar encerrando a semana cotado a R\$ 5,17. Na semana, o BC informou o início da rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2024.

Em abril, o fluxo cambial registrou a entrada líquida de US\$ 1,79 bilhão. Mesmo com a forte entrada líquida de US\$ 13,00 bilhões na conta comercial (US\$ 32,98 bilhões em exportações e US\$ 19,98 bilhões em importações), a conta financeira segue aumentando seus déficits mensais, totalizando US\$ -11,22 bilhões (US\$ 50,50 bilhões em compras e US\$ 61,72 bilhões em vendas). O acumulado no ano do fluxo cambial alcançou um superávit de US\$ 6,55 bilhões, o que representou uma queda de -50,8% frente ao mesmo período do ano anterior.

Já o resultado nos primeiros 17 dias de maio apontou para uma saída líquida de US\$ 1,10 bilhão, decorrente de uma entrada líquida de US\$ 165 milhões na conta comercial e uma saída líquida de US\$ 1,27 bilhão na financeira.

*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

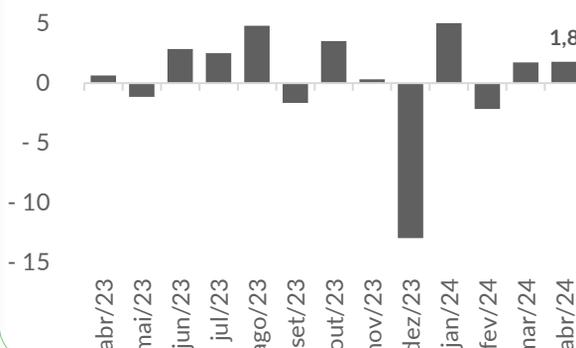
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Fluxo Cambial Em US\$ bilhões



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Desde o descarte do *forward guidance* pelo BC, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou elevações nos prêmios implícitos em todos os vértices, em especial nos intermediários. Já os prazos mais longos têm refletido o movimento das taxas de juros internacionais.

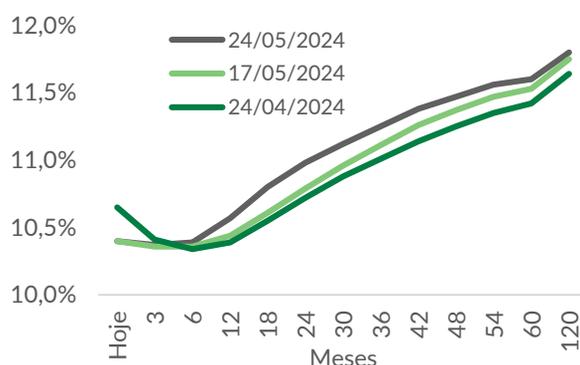
Na sexta-feira (24/05), o mercado de opções do Copom na B3 apontava 79,25% de chance de manutenção da Selic no atual patamar e de 19,00% de um corte de -0,25 p.p..

Com isso, em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses saiu de 10,36% a.a. para 10,39%, a de 1 ano subiu de 10,44% a.a. para 10,57%, a de 2 de 10,79% a.a. para 10,98%, a de 3 de 11,11% a.a. para 11,25%, a de 4 de 11,37% a.a. para 11,47%, a de 5 de 11,53% a.a. para 11,60% e a de 10 anos saiu de 11,75% a.a. para 11,80%.

Considerando-se a ligeira alta de 0,01 p.p. na semana na inflação esperada para os próximos 12 meses, alcançando 3,65%, a taxa real de juros *ex-ante* encerrou a semana em 6,68% a.a., o que representou uma elevação de 0,12 p.p.. Desde a última reunião do Copom, em 08/05/2024, o indicador acumulou um crescimento de 0,23 p.p., como recomendado pelo Copom.

Por fim, a medida de inclinação da curva de juros, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, recuou -0,08 p.p. na semana para 1,23 p.p., permanecendo em patamar elevado. Com uma redução de -0,10 p.p. no período, o diferencial entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, encerrou em 1,31 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

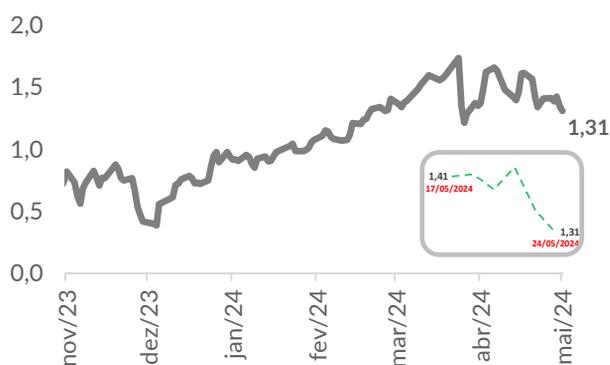


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Arrecadação Federal – Abr/24

Ainda refletindo o bom momento da atividade econômica e as medidas tributárias aprovadas ao final de 2023, a arrecadação federal via impostos e previdência somou R\$ 228,9 bilhões em abril. O resultado significou uma alta real de 19,6% em relação a mar/24 e de 8,3% na comparação com abr/23. Como a melhor apuração para o mês desde 1995, o número ficou levemente acima da mediana de R\$ 228,3 bilhões mostrada pelas projeções do Broadcast.

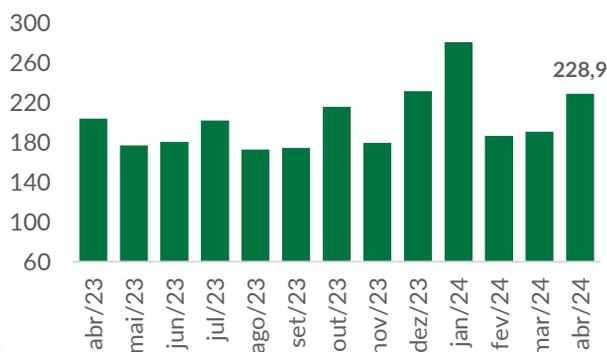
Os destaques mensais ficaram para as arrecadações do PIS/Pasep e a Cofins, totalizando o montante de R\$ 44,3 bilhões, representando crescimento real de 23,4% ante abr/23. Esse desempenho explica-se, principalmente, pelo acréscimo arrecadatário relativo ao setor de combustíveis, com o fim das desonerações. Influenciada pelo aumento de 5,1% da massa salarial e pelo crescimento de 18% no montante das compensações tributárias, a receita previdenciária cresceu 6,1% em termos reais ante abr/23, para R\$ 57,8 bilhões. Ainda, com expansão real de 27,5%, o imposto sobre importação e o IPI Vinculado à Importação apresentaram, em conjunto, uma arrecadação de R\$ 8,1 bilhões.

No quadrimestre, a receita somou o volume recorde de R\$ 886,6 bilhões, o que representou um crescimento de 8,3% em termos reais em relação ao mesmo período de 2023. Nessa mesma base, alavancada pela tributação dos fundos exclusivos, a arrecadação com IRRF-Rendimentos de Capital cresceu 29,2% (R\$ 44,4 bilhões), ao passo que a com PIS/Pasep e a Cofins teve incremento de 19,8% (R\$ 169,3 bilhões) e a receita previdenciária aumentou 6,7% (R\$ 211,3 bilhões).

A arrecadação total acumulada em 12 meses alcançou R\$ 2.419,1 bilhões, o que levou a variação anual, em termos reais, sair de 1,8% a.a. em mar/24 para 2,5% a.a. (4,6% a.a. em abr/23). Em termos prospectivos, com o eventual arrefecimento da atividade econômica à frente, o desempenho na arrecadação também deverá se moderar ao longo do ano, sobretudo a partir do 2º semestre.

A despeito do desempenho positivo, o Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas do governo federal mostrou uma piora na projeção de déficit primário para 2024, que passou de R\$ -9,3 bilhões estimado em mar/24 para R\$ -14,5 bilhões. Com aumento de receitas líquidas de R\$ 6,3 bilhões e de R\$ -24,4 bilhões de despesas primárias, motivadas pelos R\$ -13 bilhões de créditos extraordinários no auxílio do RS, que são desconsiderados da meta de resultado primário. Ainda, o bloqueio preliminar de R\$ 2,9 bilhões no orçamento foi retirado após a aprovação de ampliação do limite de despesa em R\$ 15,8 bilhões.

Arrecadação Mensal Via impostos e previdência – em R\$ bilhões



Evolução Anual Real Acumulada em 12 meses - deflacionada



Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

Transações Correntes – Abr/24

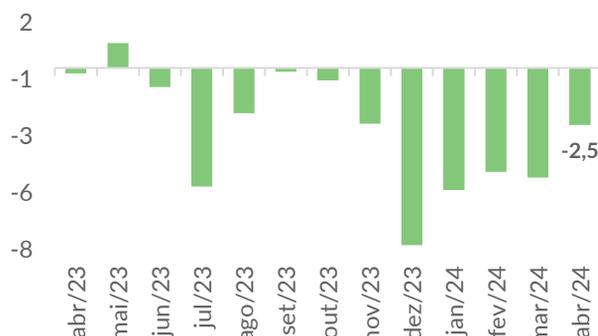
Com a menor entrada líquida de investimentos diretos no país (IDP), em meio à volatilidade cambial, as contas externas registraram um déficit de US\$ -2,52 bilhões em abril (US\$ -247 milhões em abr/23), após o resultado negativo de US\$ -4,84 bilhões em mar/24. O movimento mensal decorreu de US\$ 39,29 bilhões em receitas e US\$ -41,80 bilhões em despesas, e se apresentou pior do que o esperado na pesquisa Projeções Broadcast, que indicava um déficit de US\$ -1,10 bilhão.

Entre mar/24 e abril, o saldo positivo da balança comercial passou de US\$ 4,86 bilhões para US\$ 6,80 bilhões, enquanto o déficit da conta de serviços aumentou de US\$ -3,74 bilhões no mês anterior para US\$ -3,99 bilhões. Já a conta da renda primária diminuiu seu déficit de US\$ -5,97 bilhões para US\$ -5,48 bilhões. Já na comparação interanual, o saldo comercial recuou em US\$ 578 milhões e os déficits em serviços e renda primária aumentaram, respectivamente, em US\$ 844,0 milhões e US\$ 1,10 bilhão.

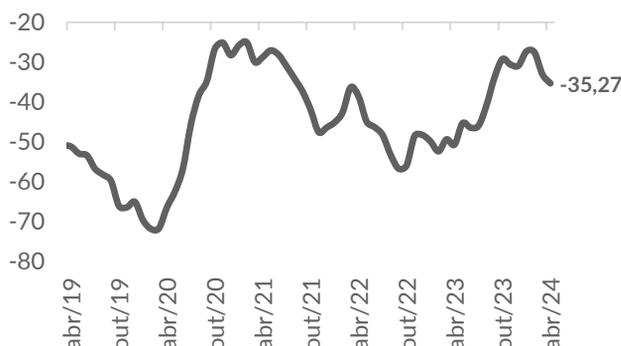
Em 12 meses, o déficit acumulado em transações correntes somou US\$ -35,27 bilhões (1,57% do PIB), ante US\$ 33,00 bilhões no mês anterior (1,48% do PIB) e US\$ 50,65 bilhões em abr/23 (2,52% do PIB).

Abaixo das projeções da pesquisa Broadcast de uma entrada de US\$ 4,65 bilhões, o IDP apresentou ingressos líquidos de US\$ 3,87 bilhões em abril, ante US\$ 9,59 bilhões em mar/24 e US\$ 3,06 bilhões em abr/23. A totalidade dos ingressos líquidos do mês ocorreu em participação no capital. O IDP acumulado em 12 meses totalizou US\$ 67,34 bilhões (3,01% do PIB) em abril, ante US\$ 66,53 bilhões (2,98% do PIB) em mar/24 e US\$ 67,40 bilhões (3,36% do PIB) em relação a abr/23.

Saldo Mensal
Transações Correntes – em US\$ bilhões



Saldo em Transações Correntes
Acumulado em 12 meses – em US\$ bilhões



Saldo em IDP
Investimento diretos no país – em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

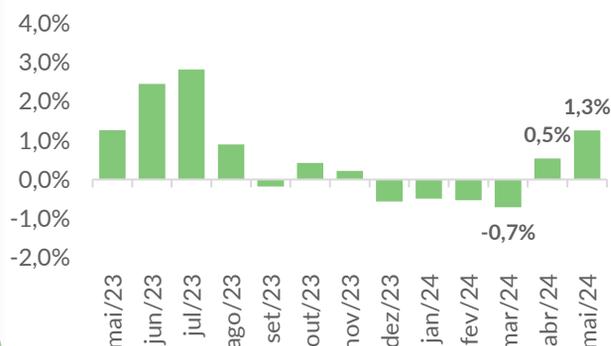
Intenção de Consumo das Famílias – Mai/24

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF), divulgada pela CNC, apresentou crescimento pelo 2º mês consecutivo. Beneficiado pelo acesso mais favorável ao crédito, sobretudo nas famílias de baixa renda, pelas consecutivas quedas da taxa de juros e melhora nos indicadores de emprego e renda, o índice aumentou 1,3% em maio, após crescer 0,5% em abr/24, na série com ajuste sazonal. Assim, o indicador mantém-se acima do nível de satisfação (100 pts.) em 102,9 pts..

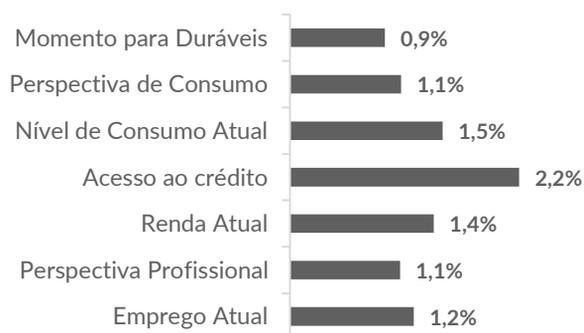
Ainda levando em conta a série dessazonalizada, todos os componentes do ICF apresentaram alta em maio, com destaque para o acesso ao crédito, com aumento de 2,2% no mês, ante uma alta de 1,0% em abr/24. A seguir vieram o nível de consumo atual crescendo 1,5% (+1,4% em abr/24) e a renda atual avançando 1,4% (+0,3% em abr/24).

Pela 1ª vez desde set/23, a variação do indicador em 12 meses voltou a acelerar, saindo de 6,1% em abr/24 para 6,4% (21,7% a.a. em mai/23). Dentre os componentes, na mesma base comparativa, ênfase para momento para duráveis com aumento de 18,1% a.a. (20,3% a.a. em abr/24 e 35,1% a.a. em mai/23), seguido por nível de consumo, cuja alta passou de 9,1% a.a. em abr/24 para 8,2% a.a. (32,8% a.a. em mai/23).

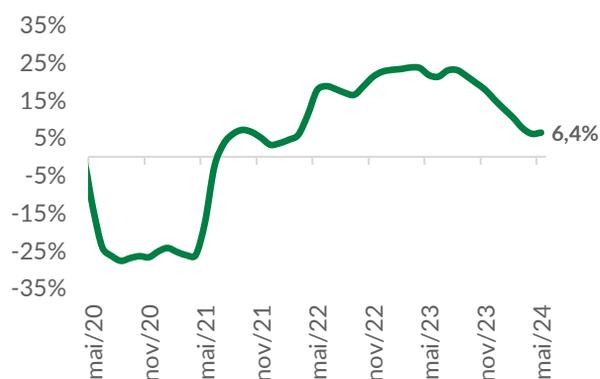
Varição Mensal Com ajuste sazonal



Varição Mensal Por grupo – com ajuste sazonal



Varição Anual



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,7
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,6
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,9
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,8
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar - Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel.: (55) 11 3288-1688